

CONSERVAR OU DESCONSERVAR: “BICHO TEM EM QUALQUER LUGAR, ATÉ NA MINHA CASA”¹

Antonio Agenor Briquet de Lemos

Um aviso inicial. Para que eu pudesse ter uma visão abrangente das questões que aqui serão abordadas, considereirei como partes inseparáveis de um todo os conceitos de conservação, preservação e restauração que, para mim, estão tão ligados entre si como as figuras daquela trindade milagrosa que se celebra, principalmente no Rio e em Salvador, em setembro, com distribuição de guloseimas às crianças: os santos Cosme e Damião e o espírito Doum.

Para os interessados no estudo dessas questões, de uma perspectiva mais ampla e multidisciplinar, inclusive histórica, recomendo a ambiciosa antologia: *Preserving Our Heritage: Perspective From Antiquity to the Digital Age*, organizada por Michèle Valerie Cloonan e editada em 2015.

Um levantamento minucioso sobre conservação e restauração no Brasil, com informações conceituais e técnicas, foi feito, em sua dissertação

1. Trabalho apresentado no seminário “Rumos Atuais e Futuro da Conservação no Brasil”, em homenagem a Guita Mindlin, organizado pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin – BBM-USP, de 7 a 8 de agosto de 2017, em São Paulo.

de mestrado, por Aloisio Arnaldo Nunes de Castro em 2008. Em 2012, foi publicado em formato de livro².

UM OLHAR PARA O PASSADO

A história dos livros e das bibliotecas no Brasil começa com a chegada dos missionários da Companhia de Jesus à Bahia. História marcada por carências, abandono, negligência, intolerância e vicissitudes, com relativamente poucos exemplos de sucesso e vida estável, sem atribulações ou sobressaltos. A introdução tardia da imprensa, a dispersão e perda das bibliotecas dos colégios dos jesuítas e o descaso do qual não estiveram isentas coleções de outras ordens religiosas, além do confisco e destruição de acervos particulares, estão presentes em praticamente todos os estudos que se voltam para uma visão histórica de nossas bibliotecas. Quantos volumes se perderam ao longo deste quase meio milênio? Trinta mil? Cinquenta mil? Se os jesuítas aqui permaneceram por 210 anos, distribuídos em dezessete centros de “ensino e de cultura”³ e se, numa estimativa modesta, cada um desses locais tivesse recebido dez exemplares de livros por ano, eles teriam reunido uns 35,7 mil volumes. Quantos sobraram?

O descaso com as coleções jesuítas, depois de sua expulsão de Portugal, não se limitou à Terra de Santa Cruz. Em 1804, quinze caixotes com livros da biblioteca do Colégio de Todos os Santos, da Ilha de São Miguel, nos Açores, foram enviados para a Real Biblioteca, em Lisboa. Foram necessários catorze anos para abri-los, quando “os livros estavam comidos de bichos e podres com tal corrupção que pediram para ser queimados”. Assim escreveu o funcionário da Real Biblioteca, padre Francisco José da Serra Xavier⁴.

Ao estudar a história da Biblioteca Nacional, Lilia Moritz Schwarcz observou, com razão, que lamúrias e queixas pareciam ser “quase o estilo” da profissão de bibliotecário⁵. Esta apresentação, bem sei, será mais uma conta acrescida ao rosário de queixumes que nos identificam. Paciência. Pelo menos existem exceções e as aprecio muitíssimo, como a que é representada por esta BBM-USP.

As situações de que falarei não são exclusivas de nossa realidade. Talvez sejam exceções as cidades e países onde os livros se mantiveram

2. Aloisio Arnaldo Nunes de Castro, *A Trajetória Histórica da Conservação-Restauração de Acervos em Papel no Brasil*.

3. Fernando de Azevedo, *A Cultura Brasileira: Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil*, pp. 28-29.

4. Francisco José da Serra Xavier *apud* Lilia Moritz Schwarcz, *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: Do Terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*, p. 176.

5. Lilia Moritz Schwarcz e Paulo Cesar de Azevedo, *O Livro dos Livros da Real Biblioteca*, p. 75.

incólumes. Convém lembrar que algumas das mais importantes coleções de documentos de que se orgulham muitos países praticamente renasceram da devastação causada por diferentes tipos de desastres, naturais ou provocados.

Os agentes contra os documentos atuam sorratamente ou de modo ostensivo e violento. William Blades, tipógrafo e bibliógrafo inglês, em 1879, assim categorizou os fatores de risco para a preservação dos livros: fogo, água, gás e calor, poeira e negligência, ignorância e fanatismo, broca e outros insetos, encadernadores, bibliófilos, criados e crianças⁶.

O minucioso plano de gerenciamento de riscos da Biblioteca Nacional menciona outros agentes de deterioração: forças físicas, indivíduos criminosos, substâncias poluentes, luz e radiação ultravioleta e infravermelha, temperatura e umidade relativa incorretas e dissociação, ou seja, “a tendência natural, com o passar do tempo, de desorganização de sistemas”⁷. A esta última acho mais elegante chamar entropia. No item de pragas a Biblioteca Nacional explicita os insetos, roedores, aves e morcegos. No entanto, quem visitou a biblioteca do Palácio Nacional de Mafra, em Portugal, também conhecida como biblioteca do Convento de Mafra, terá ouvido uma surpreendente explanação sobre o papel de certa espécie de morcegos na caça aos insetos e, portanto, na conservação dos livros daquela riquíssima livraria.

Ao falar de entropia e da luta pela preservação de nossa herança cultural talvez valha a pena ponderar sobre o que escreveu Eduardo Frieiro:

Comer e ser comido é a lei da vida. Os livros, por mais que isto pese aos bibliômanos, que desejariam a imortalidade para os seus amados bouquins, estão sujeitos, e cada vez mais rapidamente, à ação destruidora do tempo e das doenças, à lei da panfagia universal⁸.

Embora sem apresentar comprovação científica, o norte-americano Philip Brooks, antiquário, especialista em obras raras e autor de resenhas de livros para o *New York Times*, disse, em 1933, que as devastações causadas aos livros pelo tempo, pelo clima, pelas intempéries, pelas inundações e pelo fogo eram nonadas em comparação com os estragos feitos por aquele anobiídeo tão nosso conhecido, a broca⁹.

6. William Blades, *The Enemies of Books*.

7. Jayme Spinelli e José Luiz Pedersoli Junior, *Biblioteca Nacional: Plano de Gerenciamento de Riscos: Salvaguarda & Emergência*.

8. Eduardo Frieiro, *Os Livros Nossos Amigos*, pp. 121, 127.

9. Philip Brooks, “Notes on Rare Books”, *The New York Times*, p. 19.

À ação destruidora do tempo, das pragas¹⁰ e dos desastres, temos de acrescentar, no capítulo dos fatores humanos, o furto e o roubo de bens culturais, especialmente, no nosso caso, os livros¹¹. Os bibliotecários já chegaram a ser incluídos entre os inimigos dos livros¹².

A bibliografia sobre desaparecimento, acidental ou intencional, de livros e bibliotecas é respeitável. Algumas são citadas na bibliografia¹³.

UMA SITUAÇÃO EXEMPLAR

Não havíamos completado dez anos de independência. Éramos uma nação-menina. Estávamos no comecinho da Regência Trina Permanente (1831-1835), quando José Lino dos Santos Coutinho, ministro dos Negócios do Império, em sua primeira prestação de contas à Câmara, em 29 de agosto de 1831, reconheceu as deficiências de que padecia a biblioteca pública da Corte, abandonada, sem catálogo sistemático,

[...] de maneira que para achar um livro se gastava muito tempo, o que resultava igualmente da falta de classificação, achando-se os livros todos misturados, e o que era ainda mais para notar, a livraria do conde da Barca que talvez fosse mais própria para a nossa instrução por constar de livros modernos, e que custara grossas somas à nação, se achava entregue à traça e bichos¹⁴.

E relatou um fato que ele mesmo havia presenciado: um servente da biblioteca costumava inserir um prego amolado nos buracos feitos pelas traças nos livros, para matá-las¹⁵.

O deputado Costa Ferreira, na sessão de 1º de setembro, não deixou passar em branco a observação do ministro, transformou o prego em “sovelão” e perguntou se o servente fora castigado, e, se não o fora, o deputado não aprovaria nem cinco réis a mais na verba para a biblioteca.

10. Diego de Faria, *Os Inimigos dos Nossos Livros*; Eduardo Frieiro, *Os Livros Nossos Amigos*; Monsenhor Joaquim Nabuco, *Em Defesa do Livro: A Conservação das Nossas Bibliotecas e Arquivos*; Wilfred John Plumb, “Preservation of Library Materials in Tropical Countries”, pp. 291-306; Chhedil Lal Prajapati, “Conservation of Documents: Problems and Solutions, Policy and Perspectives”; Harry B. Weiss e Ralph H. Carruthers, *Insect Enemies of Books*.

11. Raphael Diego Greenhalgh, *Segurança Contra Roubo e Furto de Livros Raros: Uma Perspectiva sob a Ótica da Economia do Crime e da Teoria da Dissuasão*.

12. Randolph G. Adams, “Librarians as Enemies of Books”, pp. 317-331.

13. Fernando Báez, *História Universal da Destruição dos Livros: Das Tábuas Sumérias à Guerra do Iraque*; Kenneth Baker, *On the Burning of Books*; Lucien X. Polastron, *Livros em Chamas: A História da Destruição sem Fim das Bibliotecas*; James Raven (ed.), *Lost Libraries: The Destruction of Great Book Collections Since Antiquity*; Leighton Durham Reynolds e Nigel Guy Wilson, *Scribes and Scholars: A Guide to the Transmission of Greek and Latin Literature* e Lilia Moritz Schwarcz e Paulo Cesar de Azevedo, *O Livro dos Livros da Real Biblioteca*.

14. José Lino dos Santos Coutinho, *Annaes do Parlamento Brasileiro*, p. 75.

15. *Idem, ibidem*.

Estava em discussão o orçamento da administração. Costa Ferreira glossou o comentário do ministro sobre a técnica insólita de matar traças, que estragava os livros, e “fez muitas reflexões sobre o conceito que fazem de nós outras nações, sabendo de tal abuso” e “sobre a necessidade da conservação dos livros para a instrução dos homens”¹⁶. O ministro Lino Coutinho retorquiu que “despediria do serviço da biblioteca não só alguns oficiais de pena, mas também outros serventes que tratavam dos livros”¹⁷.

O tema foi retomado pelo mesmo Costa Ferreira, na sessão de 18 de julho de 1832, quando comentou “sobre o mau estado da biblioteca pública desta corte, onde não achara quase livro algum com capa, e as estantes sem vidraças”. O único livro que achou bem conservado foi um volume da tradução de Pope feita por Francisco Bento Maria Targini. A falta de conservação, segundo ele, não podia ser atribuída ao clima, uma vez que a biblioteca dos beneditinos mostrava-se bem conservada¹⁸.

Em 1832, Lino Coutinho tornou-se o primeiro diretor da Faculdade de Medicina da Bahia. A faculdade, que substituiu o antigo Colégio Médico-Cirúrgico, teria um diretor que haveria de velar para que nem pregos nem sovelas viessem, à maneira de instrumentos cirúrgicos, cauterizar livros bichados. Ele, como outros médicos da época e mesmo de tempos posteriores (José de Assis Alves Branco Muniz Barreto, Ramiz Galvão, José Zeferino de Menezes Brum, Teixeira de Melo, Jorge de Andrade Maia, Clodoaldo Beckmann...), era versado em coisas de biblioteca, como se nota no discurso do prego e da traça, quando discorreu a respeito dos conhecimentos desejáveis do bibliotecário, sobre classificação, arranjo, índices e inventários. De qualquer modo, o destino dessa biblioteca da Bahia seria tão melancólico quanto o de outras tantas que viraram repasto de bibliófagos.

Lino Coutinho devia conhecer outras situações em que livros e bibliotecas haviam sido relegados à incúria ou ao abandono, além dos que sabia existirem em tal condição na biblioteca pública da Corte. Ali mesmo, onde funcionava a Faculdade de Medicina da Bahia, estivera antes o colégio dos jesuítas, com sua biblioteca, que depois da expulsão dos inacianos, em 1759, ficou abandonada por mais de quarenta anos. De seus quinze mil volumes calcula-se que sobraram para a biblioteca pública de Salvador menos da metade. E também teria conhecimento do que aconteceu com os livros das bibliotecas dos outros dezesseis

16. Costa Ferreira. *Annaes do Parlamento Brasileiro*, p. 109.

17. *Idem, ibidem*.

18. *Idem*, p. 83.

polos de ensino e catequese mantidos pelos jesuítas no Pará, Maranhão, Pernambuco, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Paraíba, além dos que existiam nos conventos de outras ordens religiosas¹⁹.

Três décadas depois da exposição feita por José Lino Coutinho aos deputados sobre a precária situação da biblioteca da Corte, coube a outro médico, também romancista e historiador, deixar um relato acabrunhante sobre o que restava dos livros trazidos por Dom João. Esse médico foi Moreira de Azevedo, que, em 1862, apenas quatro anos depois da mudança da biblioteca para a rua do Passeio, “junto à casa de baile do Cassino Fluminense”, relatou que aquele era um prédio sem arquitetura, sem elegância, “nada tem de belo, nem de grandioso”, pois se tratava de uma casa construída para moradia. “Feio, impróprio e mal colocado”²⁰. Registro que contrasta com o que diz, em 2014, o termo de referência para o concurso arquitetônico do anexo: “um majestoso sobrado neoclássico”. Moreira de Azevedo viu livros truncados e estragados que haviam pertencido às bibliotecas do infantado e do conde da Barca, como já observara Lino Coutinho, 31 anos antes.

Moreira de Azevedo observou que a vizinhança de morros causava umidade, principalmente no térreo, e a proximidade da casa de baile era um risco de incêndio. O argumento em que o autor mais embasava suas preocupações era de natureza simbólica, icônica, a biblioteca como representação da grandeza intelectual de um povo à qual era inerente a questão do legado civilizatório. “[...] É no frontispício das bibliotecas que se deve ir ver o progresso das artes, é aí que deve estar como que burilada a ciência ou antes o progresso científico de um povo de uma nação”. E assim encerrava suas palavras:

Como provaremos às gerações futuras que as letras foram prezadas por nós, que foram cultivadas com esmero, legando-lhes nós, como edifício da biblioteca, uma casa mesquinha, imprópria e sem beleza de construção! Não indicará isso aos vindouros que no nosso século as letras não mereceram consideração! Erga-se, pois, um edifício monumental para servir de biblioteca, faça-se um palácio duplamente nobre pelo seu destino e como primor da arte, e esse monumento irá contar aos vindouros que, no tempo presente, no século do sábio imperador, o sr. D. Pedro II, as letras e artes mereceram de nós culto, veneração²¹.

19. Fernando de Azevedo, *A Cultura Brasileira: Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil*, pp. 28-29; Rubens Borba de Moraes, *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial* e Luiz Antonio Gonçalves da Silva, “As Bibliotecas dos Jesuítas a Partir da Obra de Serafim Leite”, pp. 219-237.

20. Moreira de Azevedo, *Pequeno Panorama ou Descrição dos Principais Edifícios da Cidade do Rio de Janeiro*, pp. 233-234, 246.

21. *Idem, ibidem*.

Ao relatar os feitos da Biblioteca Nacional em 1895, o cidadão José Alexandre Teixeira de Melo, seu diretor, lembrava ao ministro da Justiça e Negócios Interiores que a ela cabia não apenas contribuir para a educação e o desenvolvimento intelectual, proporcionando “aos contemporâneos a maior soma possível de conhecimento nas variadas províncias do saber humano”, mas também zelar pela conservação e preservação dos documentos (para “legar intacto aos vindouros tudo quanto para hoje acumularam os nossos maiores” [...] reunindo “todas as manifestações materiais do pensamento moderno, para que o nosso legado represente capital e juros de abençoada herança”. E continuava:

As conquistas incessantes da inteligência, nas ciências, na literatura, nas artes, neste fim de século [o XIX], em que como que se tem pressa de viver, devem ficar representadas nas nossas estantes, embora na limitada porcentagem a que chegam as nossas forças e recursos. Todos os sacrifícios, porém, que fizermos, como é bom de ver, para que se realize esta dupla aspiração, serão largamente compensados pela satisfação de gozo dos que conosco convivem e pelas bênçãos de reconhecimento das gerações futuras, que terão assim tanto o que acautelamos dos estragos do tempo, como o que à sua guarda confiamos amontoado em seu proveito. Zelar o pecúlio que encontramos é só metade da nossa silenciosa tarefa; ajuntar-lhe novas parcelas, que se converterão em novas riquezas, é a outra metade²².

Nas considerações gerais, na parte final desse seu primeiro relatório como diretor, Teixeira de Melo chamava a atenção do ministro para as deficiências do prédio, sujeito a goteiras, quando das “chuvas torrenciais” e advertia para o risco que corriam coleções importantes, como as de João Antônio Marques, dona Teresa Cristina Maria e Salvador de Mendonça, “em que se contam não poucas raridades”. Propôs ampliações, inclusive para poder melhor abrigar as “grandes rumas de jornais, que já não encontram lugar em que se arrumem devidamente”²³. No relatório do ano seguinte, ressaltou a “insuficiência do edifício” e sua “precária situação”, “intimamente ligado a uma casa de bailes e a outra de alugar cômodos” e que nele havia também uma farmácia, “sujeita, portanto, a desastre de tal modo irreparável que passaria a ser uma calamidade”²⁴. Para melhor visualizar o local, atente-se que

22. José Alexandre Teixeira de Melo, *Relatório Apresentado ao Cidadão Dr. Antônio Gonçalves Ferreira Ministro da Justiça e Negócios Interiores em 15 de Fevereiro de 1896*, p. 455.

23. *Idem, ibidem*.

24. “Relatório”, em *Annaes da Biblioteca Nacional*, p. 264.

a citada casa de bailes não era um salão qualquer, mas simplesmente o Cassino Fluminense, que ali funcionava desde 1860, como o mais elegante centro de lazer das classes ricas, com frequentes bailes e concertos musicais, e onde também se praticavam jogos de salão. O Cassino Fluminense aparece como figurante em páginas de Machado de Assis, sempre cercado de brilho e azáfama típicos de lugares de entretenimento²⁵.

Parabéns a José Alexandre Teixeira de Melo por ter sabido lapidar, com sabedoria e elegância, o discurso que políticos e administradores sentem-se inspirados a proferir nas ocasiões em que precisam dizer algo sobre a missão das bibliotecas, discurso que é logo esquecido quando chega a hora de definir orçamentos e prioridades da administração. E também por ter sabido contrapor ao enaltecimento da missão da biblioteca a ressalva, sempre oportuna, das precárias condições de sua existência.

De qualquer modo, fazia quase vinte anos que Teixeira de Melo trabalhava na Biblioteca Nacional. Escrevia, portanto, com conhecimento de causa quando se referia ao compromisso de zelar por aquele patrimônio que ele, sendo médico, talvez visse como um paciente de saúde frágil, sensível a diferentes riscos e agravos. Sabia do apetite de um exército de vorazes parasitas e predadores, fossem micro-organismos, insetos ou bípedes de grande porte, de gula requintada e não menos glutões.

Exatamente cinquenta anos depois, em 1945, decorridos 35 anos da mudança para a nova sede, então “moderníssima”, da avenida Rio Branco, Rubens Borba de Moraes traçou um panorama desolador: volumes perdidos pela ação do sol e de goteiras, encadernações preciosas estragadas. “Há montes de livros e pedaços de livros pelo chão e pacotes de folhetos jogados nas prateleiras”. Da Biblioteca Real “não há praticamente uma obra que não esteja bichada e 50% se transformaram em verdadeiros rendados”. Para ele, a biblioteca que Dom João havia trazido para salvá-la da invasão napoleônica estava “praticamente perdida”²⁶.

Em 1966, nem parecia que estávamos a mais de vinte anos de distância do instantâneo fotografado por Rubens Borba de Moraes. Ouçamos o que disse o professor Celso Cunha, então diretor da Biblioteca Nacional, ao depor na comissão parlamentar de inquérito sobre a biblioteca:

25. Valdeci Rezende Borges, “Em Busca do Mundo Exterior: Sociabilidade no Rio de Machado de Assis”, pp. 49-59.

26. Rubens Borba de Moraes, “Relatório do Diretor da Divisão de Preparação da Biblioteca Nacional ao Ministro da Educação e Saúde”, pp. 203-231.

“Além do perigo do fogo, há também o da água. O incêndio ainda não se deu, mas já ocorreram inundações e muita coisa se perdeu. Alguns livros ficaram como tijolos”²⁷.

OUTROS CASOS EXEMPLARES

Fiz duas tabelas, baseadas em informações colhidas em jornais da Hemeroteca Digital Brasileira, sobre sinistros e desastres naturais em arquivos e bibliotecas. As buscas foram efetuadas em todos os periódicos ali presentes, de todas as localidades, de fevereiro de 1880 a março de 2017, abarcando, portanto, 137 anos. Por não fazerem parte da Hemeroteca Digital, foram consultados, separadamente, os arquivos digitais dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. O Google foi também empregado nessa busca. Os termos de busca foram: “biblioteca” ou “arquivo” e “incêndio”; “biblioteca arquivo enchente”; “biblioteca arquivo inundação”. Pesquisou-se também por “bibliotheca” e “archivo”. E fez o acompanhamento pelo nome da instituição quando era conhecida como um local onde ocorrera algum sinistro.

Foram identificados 77 incêndios e 21 alagamentos, o que nos dá um incêndio a cada dois anos, aproximadamente. O número encontrado para alagamentos é certamente inferior ao número real de ocorrências, pois se trata de um sinistro que desperta menor atenção da imprensa. Os eventos foram de diferentes graus de intensidade e não podem ser comparados quanto aos prejuízos causados.

Em 16 de fevereiro de 1880 ocorreu o primeiro incêndio da série aqui analisada. Foi na biblioteca e arquivo da Faculdade de Direito de São Paulo, fundada em 1827. O arquivo parece ter sido mais afetado do que a biblioteca. Para Marisa Midori Deaecto, “o incêndio, não dirimindo sua gravidade, fora o desfecho trágico de uma série de outros fatos que atestavam os maus usos, senão os abusos praticados contra o acervo público”²⁸.

Em março de 1905 pegou fogo a biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia, que funcionava no local do antigo colégio dos jesuítas, onde depois se instalou a Biblioteca Pública da Bahia. Foram perdidas cerca de catorze mil obras, em 22 mil volumes “todos preciosos e raros”. Durante o longo período de quarenta anos em que esteve fechada, houve uma perda de 55% do acervo total²⁹.

27. Congresso Nacional, “Conclusões da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Biblioteca Nacional”, pp. 141-260.

28. Marisa Midori Deaecto, *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*, pp. 241-242.

29. Luana Tieko Omena Tamano e Daniel de Magalhães Araújo, “Abandono, Esquecimento e Ressurgimento da Primeira Biblioteca de Medicina do Brasil”, pp. 56-59.



Nesse local existia a rica biblioteca do convento



.....
*Perdas materiais e estruturais
por incêndios em bibliotecas.*
.....

Um incêndio que causou grave perda para a memória de nossa cultura foi o que destruiu, em 1911, o prédio da Imprensa Nacional, no Rio de Janeiro, onde hoje fica a Avenida 13 de Maio, no Largo da Carioca. Desapareceram o arquivo e a biblioteca e, com ela, a documentação referente à produção bibliográfica da Imprensa Régia.

A Biblioteca Pública da Bahia, nossa primeira biblioteca pública, fundada em 1811, é a triste personagem de duas mortes anunciadas. Em 1847, a conservação do acervo oscilava entre boa e péssima, “em virtude de causas diversas, desde as chuvas até a ação de traças e cupins, constatando-se, ainda, a existência de livros com folhas arrancadas e sujas”³⁰. Em 1900 começou a chamada peregrinação da biblioteca, piorando o estado em que se encontravam os livros. Num período de seis meses, os livros foram transferidos para três imóveis diferentes, nenhum deles apropriado para as funções de uma biblioteca³¹.

Em 4 de novembro de 1903, o jornal *Correio do Brasil* (ano 1, n. 62, p. 1) denunciava: “a biblioteca estadual acha-se no mais completo e criminoso abandono, perdidos e aniquilados livros que constituem verdadeiras preciosidades”. [...] “a repartição do Arquivo Público acha-se tão descurada, tão abandonada, que em breve terá existência igual à da biblioteca”.

Passados dois anos, o governador José Marcelino de Sousa escreveu, em mensagem à Assembleia Legislativa, que a biblioteca “retirada por força maior do consistório da Igreja Catedral, ainda não foi reinstalada, achando-se a sua grande e rica livraria amontoada em um dos cômodos do pavimento inferior do palácio do governo”³².

E é nesse lugar, doze anos depois, em janeiro de 1912, que, na esteira de desastrosa decisão política, destinada a debelar estrepolias das oligarquias locais, ocorre o bombardeamento de Salvador, por ordem do presidente Hermes da Fonseca. Os petardos atingem o Palácio do Governo, onde funcionavam a Biblioteca Pública, a Câmara dos Deputados, o Teatro São João e a Sé Primacial. A biblioteca pegou fogo, sendo destruídos quase todos seus sessenta mil volumes. Salvaram-se cerca de trezentos. Depois do incêndio houve pilhagem generalizada, “com a total indiferença da delegacia de polícia instalada nas proximidades”³³.

30. Francisco Sérgio Mota Soares; Laura Berenice Trindade Carmo; Carmem Lúcia Cabral Aziz e Sizaltina dos Santos Coelho, *A Biblioteca Pública da Bahia: Dois Séculos de História*, pp. 80-81, 88-92.

31. *Idem, ibidem*.

32. José Marcelino de Sousa, “Mensagem Apresentada à Assembleia Geral Legislativa do Estado da Bahia”, p. 2.

33. Francisco Sérgio Mota Soares *et al.*, *op. cit.*, pp. 80-81, 88-92.

Depois desse desastre, a biblioteca ainda percorreu três outros lugares até, em 1919, fixar-se em sede própria, construída para tal fim, a qual, em dezembro de 1961, foi devastada por outro incêndio, que destruiu cerca de cem mil volumes³⁴. Observe-se que, treze anos antes, o jornal *O Momento*, de Salvador, na edição de 2 de junho de 1948, falava das péssimas condições do prédio, cujo porão seria um verdadeiro paiol.

A Biblioteca Pública do Amazonas foi praticamente destruída em agosto de 1945, com a perda de quase 45 mil volumes. Fundada em 1883 possuía rica documentação sobre a região amazônica. Transcrevo o depoimento de Genesino Braga, seu diretor e testemunha da tragédia:

Fragoroso incêndio, provindo, ao que se supõe, de uma descarga elétrica no velho quadro de eletricidade existente no andar superior do edifício, onde se achavam, em depósito, os pertences da Assembleia Legislativa, então sem funcionamento, – destruiu por completo todo o patrimônio livresco, móveis e demais utensílios da Biblioteca Pública do Amazonas, que tinha as suas instalações no pavimento térreo, num salão de área idêntica e precisamente por baixo do compartimento sinistrado.

Noite tempestuosa, com toda a intensidade de águas, faíscas e trovões que caracterizam, no Amazonas, as chuvas de agosto, o fogo pôde progredir à vontade, no salão hermeticamente fechado, só vindo a se fazer denunciar, para o exterior, já quase de manhã, quando o soalho de madeira ruiu em labaredas crepitantes sobre o salão da biblioteca, no piso inferior.

Dado o alarma, não logrou este as providências que se esperavam, no sentido da imediata debelação do fogo: não havia água nas bocas do incêndio próximas ao local; e os bombeiros, desapressados, não dispunham do mais primário material para o combate a incêndio de tão vastas proporções³⁵.

Também nesse caso houve denúncia da falta de conservação e abandono antes que ocorresse o incêndio³⁶.

O ano de 1961, que terminou com o segundo incêndio da Biblioteca Pública da Bahia, começou com a devastação da biblioteca do internato do Colégio Pedro II, no Campo de São Cristóvão no Rio de Janeiro, fundado em 1857. Foram perdidos cerca de setenta mil volumes.

34. *Idem, ibidem*.

35. Genesino Braga, *Nascença e Vivência da Biblioteca do Amazonas*, pp. 105-106

36. Julio Uchoa, "Cousas e Fatos do Amazonas: Incêndio da Biblioteca Pública", p. 2.

Outra perda notável foi o incêndio, em 1968, da biblioteca do Colégio do Caraça, em Catas Altas, MG, que possuía cerca de cinquenta mil volumes, com edições dos séculos XVI, XVII e XVIII. O fogo teria sido provocado por um fogareiro elétrico na sala de encadernação e acabou por destruir quase todo o colégio. Teriam sido salvos cerca de quinze mil volumes.

No campo da informação científica, um dos maiores desastres foi o que destruiu a mais completa biblioteca de geociências da América Latina: a do Departamento Nacional da Produção Mineral, da qual se perderam 170 mil volumes que foram queimados e 120 mil que foram molhados. Foi ali onde Dolores Iglesias, com a colaboração de Maria de Lourdes Meneghezzi, coligiu a inestimável e memorável *Bibliografia e Índice da Geologia do Brasil (1641 a 1940)* e volumes posteriores³⁷.

O que aconteceu no Arquivo do Estado de São Paulo, em fevereiro de 2012, segundo relato de funcionários, pode ser indício de uma certa visão fatalista em matéria de segurança e salvaguarda de documentos. No espaço de menos de um mês teria havido dois incêndios que danificaram de quinze a vinte metros lineares de documentos. O diretor explicou que não houve comunicação à polícia porque se tratava de exemplares velhos do *Diário Oficial*. Por causa de obras de reforma, havia no local pragas urbanas segundo queixas dos funcionários. O diretor foi displicente, dizendo que “bicho tem em qualquer lugar, até na minha casa”³⁸.

Quantos livros foram destruídos no Brasil como consequência do descaso, das perseguições políticas, da não observância de regras básicas de limpeza e manutenção? Ou por causa de projetos e arranjos arquitetônicos desrespeitosos da experiência e dos conhecimentos acumulados? Não existem dados, por exemplo, sobre o rompimento de tubulações de água e esgoto junto a estantes e os malefícios causados aos livros.

Com base nos números muito pouco confiáveis encontrados nas notícias de jornal, e quase sempre obtidos no calor da hora, nesses desastres perderam-se cerca de 680 mil volumes. Somados aos 35,7 mil dos jesuítas, passamos de 716 mil volumes. Talvez não seja exagero supor que mais de um milhão de livros foram destruídos nos diversos desastres e sinistros que ocorreram e ocorrem em nossas bibliotecas. Se a BBM-USP possui sessenta mil volumes, o total de perdas ao longo destes cinco séculos corresponde a mais de dezesseis bibliotecas do

37. “In memoriam”, *Revista Brasileira de Geociências*, p. 2.

38. Edison Veiga e Rodrigo Burgarelli, “Incêndio Danifica Acervo do Arquivo do Estado”, *O Estado de São Paulo*, 13 de março de 2012.

porte desta. Ou a metade do acervo de obras gerais da Biblioteca Nacional, estimado em cerca de dois milhões de volumes.

Há um veio a ser explorado: o das bibliotecas que desapareceram por outros motivos. Por exemplo, em setembro de 1987, catorze mil volumes do extinto Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais (CLAPCS) foram “dados como indenização trabalhista a um funcionário demitido” e “acabaram sendo vendidos a uma fábrica de papel higiênico. Não apareceu nenhuma instituição ou mecenas interessado nesse patrimônio”³⁹. O CLAPCS, fundado em 1957, teve importante papel na institucionalização das ciências sociais, sob a liderança de Manuel Diégues Júnior e Luís de Aguiar Costa Pinto. Ele havia deixado de funcionar em 1975.

DOS MALES O MENOR

O livro, em formato de rolo, códice ou folhas soltas, em forma manuscrita, impressa, em papiro, papel ou pergaminho, ou digital, ainda constitui o melhor instrumento para registrar, transmitir e tornar menos efêmeros nossos conhecimentos, saberes, dizeres, ideias, pensamentos, informações ou o que quer que represente o resultado de nosso trabalho mental e de nossa vida social em qualquer nível e com qualquer finalidade. E como artefato, como objeto, em qualquer de seus formatos, o livro nos torna conscientes da inevitabilidade e da transitoriedade do mundo. Testemunha e testemunho da vida humana e de seu mundo, sua preservação parece impor-se como uma espécie de nau salvadora na imensidão do olvido e da impermanência.

Suzanne Briet propôs, há mais de sessenta anos, uma definição de documento, gênero ao qual pertence a categoria livro, segundo a qual documento seria “todo indício, concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual”⁴⁰. E a essa definição podemos acrescentar uma finalidade que lhe seria imanente, qual seja, a de resistir àquela “fulminante decadência intrínseca a tudo que é temporal”⁴¹.

É pena que a busca dessa perenidade tenha encontrado o obstáculo da efemeridade dos materiais empregados como suporte dos “dizeres escritos” de que falava Platão. Embora duráveis, desde que atendidas certas condições, é impossível dizer que sejam eternos. As técnicas de

39. *Jornal do Brasil*, caderno Cidade, 17 de setembro de 1987, p. 2.

40. Suzanne Briet, *O Que É a Documentação?*

41. José Ortega y Gasset, *Missão do Bibliotecário*, pp. 52-53.

conservação buscam, há quase dois séculos, soluções que permitam ampliar sua longevidade.

Numa revisão bibliográfica de 2004, encontra-se uma informativa síntese dos problemas e dilemas que se tornaram mais agudos nesse campo, nos últimos anos do século xx, particularmente em face da opção entre a conservação do objeto e a conservação do seu conteúdo⁴².

A gravidade do problema para a preservação de livros impressos em papel de qualidade ruim, foi primeiramente registrada pelo inglês John Murray, em 1823. Poucos anos depois, a má qualidade do papel estava presente no perfil da indústria papelreira e da indústria editorial francesa, no final do século xviii e primeiras décadas do século xix, traçado por Balzac em *Ilusões Perdidas*, escrito entre 1837 e 1843:

Chegamos a uma época em que, diminuindo as fortunas por igualização, tudo se empobrecerá: havemos de querer roupas e livros baratos. [...] As camisas e os livros pouco hão de durar, essa é a verdade. Assim, o problema a ser resolvido é da mais alta importância para a literatura, para as ciências e para a política. [...] O espaço necessário às bibliotecas será uma questão cada vez mais difícil de resolver numa época em que o amesquinhamento geral das coisas e dos homens tudo atinge, até as habitações. Em Paris, os grandes palácios, as grandes residências, serão demolidos mais cedo ou mais tarde. [...] Que vergonha para nossa época o fabricar livros sem duração! Dez anos mais e o papel da Holanda, isto é, papel feito com trapos de linho, será completamente impossível⁴³.

O papel utilizado na impressão de livros no Brasil, de meados do século xix até a década de 1960, apresentava na maioria das vezes a mesma qualidade inferior de que falava Balzac. Percorrer os volumes das coleções Brasileira e Documentos Brasileiros, desde os anos 1930, quando foram iniciadas, até a década final do século xx, será suficiente para ilustrar a má qualidade do papel em que eram impressas. Quantos livros de nossa produção editorial se apresentam escurecidos e quebradiços? A inexistência de uma bibliografia nacional confiável, exaustiva, sem solução de continuidade, cobrindo desde 1808, para não falar dos hiatos apresentados nos registros da Biblioteca Nacional, dificulta calcular-se o número de obras que exigem, para fins de preservação de nossa memória cultural, medidas urgentes e eficientes de conservação e restauração.

42. Carlo Revelli, "Conservare Come e Che Cosa", pp. 83-89.

43. Honoré de Balzac, *Ilusões Perdidas*, pp. 113, 114, 115.

Um dos melhores esforços nesse sentido, voltado para os periódicos, com ênfase nos jornais, foi o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros que, desde 1978, possibilitou, de forma cooperativa, com a participação de dezenas de instituições, o salvamento e a preservação de milhares de coleções de jornais. A partir dos microfimes que foram assim obtidos, pôde a Biblioteca Nacional gerar os arquivos da Hemeroteca Digital com conteúdo pesquisável⁴⁴.

Para fins de preservação dos conhecimentos, das informações e do conteúdo dos documentos, o microfilme é uma solução aprovada pelo teste do tempo. Não é, porém, uma maravilha isenta de críticas. Destaquem-se, por exemplo, as constantes do livro *Double Fold: Libraries and the Assault on Paper*, de Nicholson Baker, em 2001. Acredito, como usuário, que muitas dessas restrições ao microfilme se devam a descuidos no processo de microfilmagem e no armazenamento dos microfimes, e não sejam inerentes à técnica. Quando se encontra, numa coleção de jornal microfilmada, o aviso de “mutilado” ou “ilegível” ou se nota a falta de páginas ou mesmo fascículos, textos tão borrados ou apagados que tornam a leitura impossível, isso não é, necessariamente, uma deficiência do processo, mas das condições e dos recursos empregados quando da captura das imagens, e da deficiência do controle de qualidade.

A dificuldade do processo de leitura dos fotogramas, que exige o uso de aparelhos que não primam pelo respeito à ergonomia, é algo que jamais foi superado. A impossibilidade de fazer buscas por quaisquer dos elementos de recuperação de documentos, a não ser usando sistemas especiais, dispendiosos e pouco confiáveis, acabaram por isolar o microfilme como mero suporte secundário de informações, antes registradas em papel.

Atualmente, o microfilme adquire nova importância com o advento de equipamentos, denominados *archive writers*, que convertem arquivos digitais em microfimes de alta qualidade. Assim, é possível igualar a duração de um livro digitalizado com a do microfilme, ou seja, quinhentos anos. E dessa forma reduz-se a quantidade de objeções ao emprego da digitalização na preservação de documentos.

Sim, é verdade, a digitalização, assim como o microfilme, é um mero substituto, um sucedâneo, uma representação, uma versão, um *surrogate* ou *ersatz* dos documentos impressos. Da mesma forma que os espetaculares fac-símiles de manuscritos, em que se esmeram

44. Angela Maria Monteiro Bettencourt e Monica Rizzo Soares Pinto, “A Hemeroteca Digital Brasileira”.

editoras especializadas da Alemanha, Áustria, Espanha, Itália, Reino Unido, Suíça e outros países, por mais fidedignos que sejam, não nos trazem a pátina, o aroma, o tato, as impressões digitais imaginárias dos copistas e miniaturistas que os criaram. Mas, como quem não tem cão caça com gato, ficarei feliz se puder comprar, numa escala de preços que vai de algumas dezenas a alguns milhares de dólares um fac-símile de *Les Très Riches Heures du Duc de Berry*.

Um exemplar escaneado, em alta resolução, com milhões de cores, colocado na internet e com acesso imediato aberto para todo o mundo, jamais satisfará ao colecionador individual cujo objeto de desejo for aquele exemplar único. No entanto, como estudioso, e a depender do meu campo de estudo, a funcionalidade que me permite fazer buscas de palavras no texto poderá compensar em muito a frustração de não ter acesso ao original.

A digitalização está integrada ao universo de arquivos, bibliotecas e museus. É um fato da realidade e vem ampliando e facilitando o acesso e uso de informações. É responsável por uma séria etapa de transição (ou seria revolução?) da galáxia de Gutenberg, de cujas consequências parece que ainda não estamos plenamente conscientes. Ao contrário da microfilmagem que, apesar de tentativas diversas, não conseguiu mudar de forma sensível a tecnologia da produção gráfica (publicações nascidas como microfilmes eram muito raras), os livros e periódicos que nascem em formato eletrônico estão presentes e constituem uma força econômica.

Há dilemas, porém, a serem superados. Os especialistas das instituições responsáveis pela memória cultural, tanto no Brasil quanto em outras partes do mundo, levantam dúvidas quanto a vários aspectos dos documentos digitais. Os mais importantes, segundo me parece, são os da sua inalterabilidade de forma e conteúdo, sua discutível fidedignidade (resistência à falsificação ou adulteração) e sua permanência numa escala de tempo que se possa medir pelo menos em séculos, senão em milênios. Para a questão da impermanência do arquivo digital existem paliativos, no estilo do programa LOCKSS (Lots of Copies Keep Stuff Safe), das bibliotecas da Stanford University, até, como já disse, os equipamentos e programas denominados *archive writers*.

Um desses dilemas diz respeito ao que é prioritário: o conteúdo ou a forma dos documentos. No caso de livros raros temos quase uma espécie de cabo de guerra, em que “conteudistas” medem forças com “formalistas”. Vêm à tona debates sobre a relação entre multiplicidade e individualidade, graus de raridade, rastros deixados pelo uso humano, uma espécie de “aura” perdida a partir do momento em que a obra

de arte perde sua unicidade e se multiplica por meio de reproduções, como diria Walter Benjamin.

Um dos mais bem fundamentados textos sobre essa e outras questões trazidas pelas novas tecnologias para o terreno da bibliologia, da bibliofilia, da bibliografia e da história cultural é a obra sobre livros antigos e novas tecnologias, do professor David McKitterick, que durante quase três décadas foi bibliotecário do Trinity College da Cambridge University. Ele reconhece que são ainda muito poucos os textos de nossa herança bibliográfica disponíveis na tela de um computador. E acrescenta que isso, com todas as vantagens que possa ter, “só nos pode oferecer uma imagem muito imperfeita e incompleta do passado”. Permito-me transcrever as linhas finais de seu livro, que bem sintetizam o enfoque “formalista”:

Como os bibliógrafos bem sabem, as propriedades físicas contextuais do veículo em que um texto foi impresso ou escrito, ou no qual está contido, as circunstâncias de sua fabricação, circulação e vendas, e a natureza da história de múltiplos exemplares individuais, tudo contribui para a compreensão dos propósitos, esperanças e concessões que fazem parte integral da relação entre escrita e leitura. São pré-requisitos na transmissão do conhecimento. E essas observações bibliográficas têm repercussões em todas as disciplinas que pretendem ter uma base histórica. À medida que se amplia o ambiente eletrônico, e a experiência comum muda sua ênfase da página para a tela, a experiência desenvolve hipóteses. Assim, o desafio futuro para compreender a natureza tanto dos livros recentes quanto dos antigos se tornará ainda maior⁴⁵.

O HABITAT DOS LIVROS

Estou chegando ao fim. E não poderia deixar de repetir o que todos sabem: a conservação e preservação dos livros dependem das condições em que eles são alojados. Gabriel Naudé foi claro ao advertir os colecionadores, a quem os *Conselhos para Formar uma Biblioteca* eram dirigidos. Recomendava que o local para a biblioteca ficasse nos pisos intermediários, para evitar que a umidade do solo provocasse o “aparecimento de mofo, uma espécie de podridão que ataca imperceptivelmente os livros”, além de protegê-los “da chuva, da neve e do calor excessivos”. Contra a umidade excessiva, tapetes e “um fogão ou lareira que queime somente lenha que faça pouca fumaça”. Boa iluminação,

45. David McKitterick, *Old Books, New Technologies: The Representation, Conservation and Transformation of Books Since 1700*.

boa ventilação, com ventos do nascente, cujas qualidades para a saúde são muitas, evitando os que sopram do poente, que “são mais desagradáveis e nocivos do que todos os outros porque, quentes e úmidos, provocam o apodrecimento de qualquer coisa, tornam a atmosfera pesada, alimentam os vermes, fazem proliferar os insetos”. Os ventos do norte, “graças a suas qualidades frias e secas, não produzem umidade alguma e conservam muito bem os livros e papéis”⁴⁶.

Duzentos anos depois, frei Camilo de Monserrat, que dirigiu a Biblioteca Nacional de 1853 a 1870, mostrou que conhecia a lição de Naudé e sugeriu que um novo prédio para a biblioteca deveria situar-se em lugar distante dos riscos de incêndio, do barulho e dos insetos, com terreno para ampliações, com livre circulação de ar e luz, e salas cômodas para o estudo⁴⁷.

Essas citações pareceram-me oportunas ao recordar um dia de 1988, quando eu fazia parte do Conselho Deliberativo da Fundação Nacional Pró-Leitura, e recebi do seu presidente, o embaixador Vladimir Murtinho, a notícia de que havia conseguido a cessão para a Biblioteca Nacional do antigo armazém de expurgo de grãos do cais do porto do Rio de Janeiro, na esquina da avenida Rodrigues Alves com a rua Rivadávia Correia. Esse espaço, construído em 1949, destinava-se à desinfestação de cereais. Cumprimentei-o pelo feito, mas fiz ressalvas sobre os riscos do lugar para receber livros: o vento salino, o terreno formado por aterros para a construção do cais, em 1909/1910, com o risco de umidade, a proximidade do viaduto da Perimetral, enfim, um lugar que não me parecia o melhor dos sítios para uma biblioteca. O embaixador Murtinho, muito conhecido em Brasília, desde que, com determinação e coragem, conseguira, na década de 1970, mudar definitivamente o Itamaraty para a capital federal e estabelecer um prazo fatal para a mudança das embaixadas, não se abalou com meus argumentos e simpática e diplomaticamente replicou que os eventuais problemas seriam solucionados a contento.

Recordo que toda a orla da Baía da Guanabara era marcada por desembocaduras de pequenos rios, por lagoas, maceiós, pequenas enseadas, sacos e manguezais. Ali mesmo, na esquina de Rodrigues Alves com Rivadávia Correia, encontravam-se o Mangue de São Diogo e o Saco do Alferes. Foram terrenos conquistados ao mar às custas da destruição de morros que faziam parte da geografia e da história do Rio. Quem

46. Gabriel Naudé, *Conselhos para Formar uma Biblioteca*, pp. 65-67.

47. Frei Camilo de Monserrat apud Lilia Moritz Schwarcz, *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: Do Terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*, p. 411.

hoje visita o Rio poderá conhecer as ruínas do antigo cais do Valongo, agora declarado pela Unesco Patrimônio Mundial da Humanidade, que evidencia que a fímbria do mar chegava até uma linha próxima da atual rua Sacadura Cabral. Ao falar dessa região, Brasil Gerson lembra as gravuras feitas em 1840 pelo Barão de Planitz em que “as águas do mar banhavam a própria rua da Gamboa, diante do cemitério dos ingleses”, e que “as faluas e as canoas deslizavam sobre o mar onde está o chão asfaltado da rua Rivadávia Correia entre a rua do Livramento e o cais do porto...”⁴⁸.

No mesmo ano de 1988 foi criada a comissão de estudos sobre a instalação da hemeroteca e outras unidades da Biblioteca Nacional na antiga estação de expurgo, que estava desativada desde a década anterior e que pertencia ao Ministério da Agricultura.

No melhor estilo *slow food*, somente agora, decorridos 29 anos, é que se aproximam do fim as obras de adaptação do anexo da Biblioteca Nacional. Sabemos que estiveram cientes dos riscos do local os profissionais que elaboraram, em 2014, o excelente termo de referência para o projeto de reforma do prédio do armazém, que advertem para o fato de o terreno estar localizado em área aterrada no início do século XX e as precauções a serem tomadas, por isso, no caso de construção de subsolos⁴⁹. Essa digressão nos faz lembrar os problemas que alguns museus de Paris e a própria Bibliothèque Nationale enfrentam com a proximidade do rio Sena, com risco de destruição de documentos ali guardados, como aconteceu em janeiro de 2014⁵⁰.

Há outro caso que preciso contar. Em meados de 1970, foi iniciada a construção do prédio da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Seu diretor na época, Elton Eugenio Volpini, registrou em artigo de 1973 alguns dos problemas que surgiram durante os trabalhos. Um deles foi o descobrimento no terreno, quando da colocação das fundações do prédio, de um “lençol de água que teve de ser drenado e canalizado, atrasando em três meses o início da obra propriamente dita”⁵¹.

Para avivar detalhes dessa memória, solicitei a José Galbinski, arquiteto principal do edifício da biblioteca da Universidade de Brasília, informações adicionais, e ele confirmou que, durante a sondagem do terreno, foi constatada a “existência de um enorme esgoto

48. Brasil Gerson, *História das Ruas do Rio*, p. 155.

49. Biblioteca Nacional, *Concurso Anexo da Biblioteca Nacional: Termo de Referência*, pp. 45, 48 e 50.

50. Charlotte Laurent, *7 Lieux Parisiens Emblématiques Menacés par la Crue de la Seine*.

51. Elton Eugenio Volpini, “A Biblioteca Central da Universidade de Brasília e o Planejamento de Seu Novo Edifício”, pp. 43-50.

pluvial, tipo da *cloaca maxima* de Roma” que servia às quadras da Asa Norte. Esse “esgoto em concreto armado, de cerca de 3m x 3m” exigiu que o prédio fosse deslocado “uns 10m para o norte e uns 10m para leste, em direção ao Lago Paranoá”. Uma segunda descoberta foi mais séria: “um filete d’água (riacho)” que corria em direção ao Lago Paranoá. Para conter e orientar essa corrente foi construída uma galeria de concreto armado, com poços de inspeção nos seus extremos. Continua Galbinski:

Para melhor drenar o solo foi construída uma rede de tubos perfurados, como “espinha de peixe” canalizando as águas para esta galeria. Naquela época não existiam os tecidos de náilon, para evitar o entupimento dos tubos. Tudo transcorreu perfeitamente quando [...] os dutos perfurados, “espinha de peixe”, foram preenchidos de terra, o mesmo ocorrendo na galeria. Resultado: inundação do subsolo. Muito trabalho, muito dinheiro para recompor o sistema⁵².

Murilo Bastos da Cunha, que dirigiu a Biblioteca Central da UnB de 1985 a 1990 e de 1997 a 1999, disse que a maior inundação foi em algum ano entre 1990 e 1993⁵³. A solução final só ocorreu no final da década de 1990, quando foram instalados tubos de aço que levavam a água da mina até a rede de escoamento fora do prédio.

Para uma ideia dos estragos causados aos livros que estavam depositados nesse subsolo, recomendo a leitura do relatório anexado à tese de Oto Reifschneider⁵⁴. O riacho, mina d’água ou coisa que o valha acabou virando uma espécie de lenda do *campus*, conforme o relato de Ana Luiza Zenker⁵⁵.

Mais um exemplo a acrescentar ao rol de lamúrias, queixas e queixumes que caracterizam os bibliotecários.

Vimos que é complexa e enorme a herança recebida pelos que hoje procuram implantar processos de conservação-restauração-preservação de documentos no Brasil. Estamos muito, muito distantes dos tempos da sovela, das bolas de naftalina, do querosene ou do DDT. Ou de soluções que, sem a devida manutenção, quase mataram ao mesmo tempo o paciente e a doença, como o caso ocorrido em 1996 na Biblioteca de Manguinhos (de novo os mangues...) quando uma pane

52. Excerto de correspondência eletrônica enviada a mim por José Galbinski, 28 jun. 2017.

53. Excerto de correspondência eletrônica enviada a mim por Murilo Bastos da Cunha, 27 jun. 2017.

54. Oto Dias Becker Reifschneider, *A Bibliofilia no Brasil*.

55. Ana Luiza Zenker, “Mina d’Água sob a Biblioteca Central da unB”.

no moderno sistema de climatização da biblioteca provocou uma epidemia de fungos nos livros e até nas estantes e equipamentos⁵⁶.

PARA CONCLUIR

Este levantamento talvez seja suficiente para evidenciar os seguintes traços principais da história e funcionamento das bibliotecas, arquivos e museus: *a.* improvisação; *b.* apoio financeiro intermitente e imprevisível; *c.* dissonância entre promessas e realizações, ou seja entre os louvores fingidos à cultura e a prática; *d.* prevalência do que posso chamar de cultura da desmanutenção; *e.* desprezo ao valor estrutural e econômico, para as comunidades e a sociedade em sua totalidade, das instituições que organizam, preservam e difundem o patrimônio cultural.

No planejamento e implantação de práticas de conservação é preciso haver um comprometimento amplo das instituições que lidam com a reunião e uso do patrimônio de bens culturais e a adoção de práticas integradas e colaborativas. Esse comprometimento estará expresso em política do Estado (municípios e unidades da federação) e se concretizará na dotação contínua de recursos financeiros suficientes, inclusive do setor privado, para que dele resultem consequências sensíveis para a preservação e difusão da memória nacional.

Os casos de sinistros e desastres aqui arrolados devem ser analisados da perspectiva contemporânea para que deles possam ser obtidas informações que contribuam para que se evite sua repetição. Os manuais, normas e planos de salvaguarda do patrimônio serão inúteis se não forem acompanhados da alocação de recursos financeiros suficientes e compatíveis com a escala e complexidade da preservação de bens dos quais, em muitos casos, somente temos um parco conhecimento⁵⁷. E, desnecessário dizer, de recursos humanos qualificados.

Antes mesmo de se contar com esses recursos, acredito que seja possível melhorar a situação, por meio de medidas, mesmo pontuais e localizadas, que talvez só dependam de diálogo e entendimento entre as partes interessadas. Dentre essas medidas estariam a implantação ou atualização e ampliação dos catálogos coletivos municipais, estaduais e nacionais de livros e de periódicos, para auxiliar no reconhecimento do patrimônio bibliográfico; a adoção de mecanismos abertos para redistribuição de acervos entre bibliotecas; a adoção de formatos de digitalização consentâneos com a missão principal de

56. Maria Élide Bortoletto; Rejane Ramos Machado e Eliane Coutinho, "Contaminação Fúngica do Acervo da Biblioteca de Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz: Ações Desenvolvidas para sua Solução", pp. 9-18.

57. Lorete Mattos, *Prevenção e Resposta a Desastres com Fogo e Água em Bibliotecas*.

cada biblioteca; a dinamização da Rede da Memória Virtual Brasileira da Biblioteca Nacional, transformando-a num catálogo coletivo de brasileiras e brasilienses digitais; a definição de prioridades e normas comuns de digitalização; a troca de experiências mediada por grupos representativos das comunidades de profissionais e usuários; e a disseminação sistemática de experiências e inovações.

Se isso não for feito, talvez só nos restará recorrer a Cosme, Damião e Doum, para que acrescentem à missão de protetores das crianças, dos médicos e dos farmacêuticos a de protetores dos leitores e pesquisadores, nisso incluindo as instituições que lhes servem e aqueles que nelas porflam com a missão de concretizar o sonho de Guita Mindlin.

PS.: Na fase de edição deste artigo, encontrei informação sobre o incêndio do Convento do Carmo, no Largo da Lapa, no Rio de Janeiro, em 14 de setembro de 1958. Do prédio, construído em 1773, perdeu-se quase tudo, com destaque para sua biblioteca e o arquivo. A causa teria sido um curto-circuito⁵⁸.

Uma das maiores perdas foi, sem dúvida, a biblioteca do convento. Tinha mais de um século e meio de existência e reunia cerca de quinze mil volumes, inclusive pergaminhos em originais raríssimos. [...] Guardava milhares de obras antigas, que versavam sobre teologia, história da Igreja, do convento de Mafra, além de belíssima coleção sobre as Cruzadas. Tudo que se conseguiu reunir durante anos de exaustivo trabalho e dedicação foi destruído em menos de três horas [...]⁵⁹. ●

58. *Jornal do Brasil*, 16 set. 1958, 2º caderno, p. 3.

59. *Correio da Manhã*, 16 set. 1958, p. 5.

SOBRE O AUTOR

Antonio Agenor Briquet de Lemos é formado em Biblioteconomia pela Biblioteca Nacional (1957), com mestrado pela Loughborough University (Reino Unido, 1977). Professor aposentado da Universidade de Brasília. Dirigiu o Centro de Documentação do Ministério da Saúde, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), a Editora Universidade de Brasília e a editora/livraria Briquet de Lemos/Livros.

TABELA 1. Casos de incêndio de 1880 a 2017

Nº	Data	Local	Nome	Acervo (volumes)	Fonte
1	1759-1775 Abandono 1880. 16 fev.	Diversos	Colégios dos Jesuítas	est. 75 000. Dispersados, furtados, destruídos...	Silva, Luiz Antônio Gonçalves da. As bibliotecas dos jesuítas: uma visão a partir da obra de Serafim Leite. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 13, n. 2, p. 219-237, maio/ago. 2008.
	Incêndio	São Paulo, SP	Faculdade de Direito	Danos sérios ao arquivo. Livros?	A Província de S. Paulo, 17 fev. 1880, p. 2-3; Jornal da Tarde, 16 fev. 1880, p. 2
2	1905. 1 mar. Incêndio	Salvador, BA	Biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia	50 mil	Correio do Brasil, Salvador, a. 3, n. 447, 3 mar. 1905, p. 2
3	1911. 19 set. Incêndio	Rio de Janeiro, RJ	Imprensa Nacional	Perda total da biblioteca e do arquivo	Jornal do Brasil, 16 set. 1911, p. 6; A Noite, 16 set. 1911, p. 2; Correio da Manhã, 17 set. 1911, p. 3]
4	1912. 10 jan. Incêndio	Salvador, BA	Biblioteca Pública	30 mil. Perda total	http://jornalggn.com.br/noticia/o-bombardeio-contra-salvador-no-verao-de-1912-por-vladimir-aras
5	1938. 17 jul. Incêndio	Recife, PE	Gabinete Português de Leitura	Danos parciais	Diário de Pernambuco, 19 jul. 1938, p. 1.
6	1945. 20 ago. Incêndio	Manaus, AM	Biblioteca Pública do Amazonas (1883)	45 mil	Jornal do Comércio, Manaus, ano 42, n. 13.912, 21 ago. 1945, p. 6.
7	1949. 4 set. Incêndio	Rio de Janeiro, RJ	Biblioteca Nacional	Princípio de incêndio sem danos	Correio da Manhã, 4 set. 1949.
8	1950. 4 fev. Incêndio	Rio de Janeiro, RJ	Biblioteca do DASP	Sem danos aos livros	Diário de Pernambuco, a. 125, n. 29, 4 fev. 1950, p. 1; Diário de Notícias, 5 fev. 1950, 2ª seq, p. 1.
9	1954. 20 ago. Incêndio	Santa Maria, RS	Escola de Artes e Ofícios	Museu e biblioteca	http://web2.santamaria.rs.gov.br/arquivohistorico/sistema_descricao_documental/index.php/xljuh;jsad
10	1956. Incêndio	Florianópolis, SC	Biblioteca da Assembleia Legislativa de Santa Catarina	Prédio e a maior parte dos documentos destruídos	http://www.alesc.sc.gov.br/portal_alesc/biblioteca/historia
11	1958. 8 nov. Incêndio	Blumenau, SC	Prefeitura Municipal	Danos no arquivo municipal	Agora, v. 1, n. 1, p. 23-26, 1985
12	1959. Jul. Incêndio	Rio de Janeiro, RJ	Biblioteca do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas,	Destruição de livros e periódicos	Jornal do Brasil, 1/9/1959
13	1961. 17 jan. Incêndio	Rio de Janeiro, RJ	Internato Colégio Pedro II	70 mil	Jornal do Brasil, 18 jan. 1961, p. 10
14	1961. 4 dez. Incêndio	Salvador, BA	Biblioteca Pública da Bahia	Perda quase total: 100 mil volumes?	Soares et al.. A Biblioteca Pública da Bahia: dois séculos de história. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2011, p. 126-127.

15	1967. 16 jun. Incêndio	Brasília, DF	Arquivo do Serviço de Proteção aos Índios e Serviço de Informação Agrícola	Perda total. Destruiu a sede do Ministério da Agricultura	Correio Braziliense, 17 jun. 1967, p. 1 e 7
16	1968. 28 maio Incêndio	Catas Altas, MG	Biblioteca do Colégio do Caraça (1774)	50 mil	Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 16 jun. 1968, p. 2; Correio da Manhã, 29 maio 1968
17	1973. 26 maio Incêndio	Rio de Janeiro, RJ	Biblioteca do Departamento Nacional da Produção Mineral	170 mil queimados e 150 mil molhados	Jornal do Brasil, 8 nov. 1973, p. 26; Veja, 6 jun. 1973, p. 26
18	1974. Jan. Incêndio	Rio de Janeiro, RJ	Biblioteca da Associação Brasileira de Imprensa	Danos pequenos	Diário de Notícias, 22 jan. 1974, p. 22.
19	1978. Maio Incêndio	Rio de Janeiro, RJ	Asilo Cenáculo, para cegos	Grande parte da biblioteca de livros em braile foi perdida	Jornal do Brasil, 31 maio 1978, p. 20.
20	1978. 8 jul. Incêndio	Rio de Janeiro, RJ	Museu de Arte Moderna	Cerca de 1000 obras. Perda das obras de Joaquín Torres-García	Jornal do Brasil, 9 jul. 1978, p. 20.
21	1982. 17 nov. Incêndio	Rio de Janeiro, RJ	Oficina Literária Afrânio Coutinho	Perda parcial	Jornal do Brasil, cad. B, p. 2, 5/7/1988.
22	1984. 22 jan. Incêndio	Rio de Janeiro, RJ	Biblioteca Estadual Celso Kelly	Destruição de anexo com perdas importantes	Jornal do Commercio, Rio de Janeiro, 22-23 jan. 1984, p. 3; Última Hora, p. 4, 8 de fev. 1984.
23	1989. Jan. Incêndio	Curitiba, PR	Casa da Leitura Miguel de Cervantes	Perda parcial	http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/pequeno-incendio-fecha-farol-do-saber-no-boa-vista/34377
24	1993. 21 ago. Incêndio	Porto Alegre, RS	Biblioteca de Ciências Sociais e Humanidades da UFRGS	Destruiu o Centro de Documentação do Sindicalismo	Jornal do Brasil, 28 ago. 1993, p. 8.
25	2001. 2 out. Incêndio	São Paulo, SP	Escola de Comunicações e Artes da USP	Alguns livros molhados. Destruiu o acervo de Telenovelas	Folha de S. Paulo, 4 out.p. 63, e 10 out. p. 64, 2001.
26	2007. 17 maio. Incêndio. Balão.	São Paulo, SP	Centro Cultural São Paulo	2 mil livros molhados.	Folha de S. Paulo, 18 maio 2007, p. C5

27	2008. 7 out. Incêndio	Caibaté, RS	Escola Estadual Raimundo de Paula	Livros e computadores	http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticia/2008/10/escola-e-alvo-de-furto-e-tem-parte-da-biblioteca-queimada-em-caibate-2227205.html#showNoticia=Z1IRTmwkRS01OTMxNDgwMDcONzUzNjc5MzYw-JS9GMTIzODk3MzlxNzlxNjM2Nzc0NGpKSTgONjAyMDI4ODcwMTA1ODI1Mjg+QS4uUFpzRV1dQjxpQUAxIXY=
28	2010. Junho Alagamento	Murici, AL	Biblioteca Pública	Perda total	http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/chuvas_devastaram_patrimonio_de_alagoas.html
29	2010. 20 jun. Incêndio	Rio Claro, SP	Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga	Não houve perda de obras	http://rioclaroonline.com.br/af-destructicao-de-um-museu/
30	2011. 18 maio Incêndio	Ponta Grossa, PR	Biblioteca Central da Universidade Estadual de Ponta Grossa	Não houve danos aos livros (20 mil).	http://in-formo.blogspot.com.br/2011/05/incendio-em-setor-da-biblioteca-central.html
31	2011. 4 jun. Incêndio	Nova Petrópolis, RS	Biblioteca Pública Municipal	8 mil	http://noticias.r7.com/cidades/noticias/biblioteca-de-nova-petropolis-perde-quase-6-000-livros-em-incendio-20110604.html
32	2011. 25 ago. Incêndio	Aracaju, SE	Biblioteca da Escola Estadual Ministro Petrônio Portela	Perda parcial	http://www.sintese.org.br/index.php/educacao/rede-estadual/3955-biblioteca-da-escola-petronio-portela-pega-fogo
33	2012. 30 jan. Incêndio	Belo Horizonte, MG	Biblioteca da Escola Estadual Maria Luiza Miranda	9 mil	http://noticias.r7.com/cidades/fotos/incendio-destroi-9-000-livros-de-biblioteca-20120130.html
34	2012. 18 fev. Incêndio	São Paulo, SP	Arquivo do Estado	Danos parciais: 15 a 20 m lineares de documentos	http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,incendio-danifica-acervo-do-arquivo-do-estado-imp-,846794
35	2012. 11 mar. Incêndio	São Paulo, SP	Arquivo do Estado	Danos parciais	http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,incendio-danifica-acervo-do-arquivo-do-estado-imp-,846794
36	2012. 29 ago. Incêndio	Luís Eduardo Magalhães, BA	Escola Municipal Onero Costa	Perda parcial	http://www.bahianoticias.com.br/noticia/121819-fogo-em-escola-deixa-800-sem-aulas-em-luis-eduardo-magalhaes.html
37	2012. 16 set. Incêndio	Quixeramobim, CE	Biblioteca da Escola Alfredo Almeida Machado	Livros e computadores danificados	http://www.opovo.com.br/noticias/ceara/quixeramobim/2012/09/incendio-atinge-biblioteca-de-escola-publica-em-quixeramobim.html
38	2012. 23 dez. Incêndio	Belo Horizonte, MG	Biblioteca Pública Luiz Bessa	Acervo não atingido	http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2012/12/incendio-atinge-predio-da-biblioteca-publica-luiz-bessa-em-belo-horizonte.html

39	2013. 22 jan. Incêndio	Francisco Beltrão, PR	Biblioteca Municipal	Princípio de incêndio	http://www.rbj.com.br/seguranca/principio-de-incendio-na-biblioteca-publica-de-francisco-beltrao-0009.html
40	2013. 22 jan. Incêndio	Belo Horizonte, MG	Museu de Ciências Naturais da PUC de Minas		http://hojeemdia.com.br/horizontes/inc%C3%AAdio-destr%C3%B3i-acervo-do-museu-de-ci%C3%AAncias-naturais-da-puc-minas-1.94342
41	2013. 3 mar. Incêndio	Campinas, SP	Biblioteca do Instituto de Letras da Unicamp	Os livros não foram atingidos	http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2013/03/incendio-atinge-predio-da-biblioteca-do-instituto-de-letras-da-unicamp.html
42	2013. 7 mar. Incêndio	Cambará, PR	Biblioteca da Escola Municipal Caetano Verozzo	Pequenos danos.	http://anuncifacil.com.br/posts/detalhes/11787
43	2013. 9 mar. Incêndio	Campinas, SP	Escola Glória Aparecida Rosa Viana		http://correio.rac.com.br/_conteudo/2013/03/capa/campinas_e_rmc/37519-policia-desconfia-de-incendio-criminoso-em-escola.html
44	2013. 13 maio Incêndio	Manaus, AM	Faculdade de Direito da Universidade do Amazonas	400 livros	http://new.d24am.com/noticias/amazonas/incendio-destroi-parte-do-acervo-de-biblioteca-da-faculdade-da-ufam/86468
45	2013. 3 jun. Incêndio	Gravatá, RS	Escola Pública de Gravatá	1 000 (perda total)	http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/06/incendio-destroi-acervo-de-biblioteca-de-escola-publica-de-gravatai-rs.html
46	2013. 14 set. Incêndio	Cuiabá, MT	Arquivo do Tribunal de Justiça de Mato Grosso	“Consumiu parte dos 139 anos de história do Poder Judiciário de Mato Grosso.” 100 mil processos	http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?noticia=Incendio_consome_arquivos_e_grafica_do_Tribunal_de_Justica_veja_fotos&id=339243 http://www.midianews.com.br/judiciario/laudo-aponta-que-incendio-no-arquivo-do-tj-foi-acidental/191498
47	2013. 6 out. Incêndio	Fortaleza, CE	Arquivo do jornal O Povo	Parte do acervo que remontava a história do jornalismo cearense entre os anos 1928 e 2005 se perdeu.	http://www.abi.org.br/incendio-destroi-redacao-do-jornal-o-povo-no-ce/
48	2014. 4 fev.	São Paulo, SP	Centro Cultural do Liceu de Artes e Ofícios	Pinturas, esculturas, réplicas, painéis fotográficos.	http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1407165-incendio-atinge-centro-cultural-do-liceu-de-artes-e-oficios-de-sao-paulo.shtml

49	2014. 3 maio Incêndio	Santa Rita do Novo Destino, GO	Escola Municipal Benedito Borges Vieira,	Perda de livros e computadores	http://g1.globo.com/goias/noticia/2014/05/incendio-em-escola-destroi-livros-documentos-e-computadores-em-go.html
50	2014. 21 jul. Incêndio	Grão Pará, SC	Escola Pública	Perda de livros e computadores	http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2014/07/escola-de-grao-para-no-sul-de-sc-tem-sala-de-informatica-e-a-biblioteca-destruidas-por-incendio-4556902.html
51	2014. 26 jul. Incêndio	Porto Alegre, RS	Biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Onofre Pires	Perda de livros e compútores	http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/07/incendio-atinge-escola-estadual-e-destroi-biblioteca-em-porto-alegre.html
52	2014. 27 ago. Incêndio	Marília, SP	Escola Estadual Augusto Cury	Biblioteca destruída	http://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2014/08/incendio-destroi-biblioteca-e-salas-de-aula-em-escola-de-marilia.html
53	2014. 31 ago. Incêndio	Petrolina, PE	Escola Estadual Professora Adelina Almeida	1 000	http://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2014/09/incendio-destroi-biblioteca-de-escola-estadual-em-petrolina-pe.html
54	2014. 7 out. Incêndio	Navegantes, SC	Escola Municipal Professora Vilna Correa Pretti	Livros, lousas digitais, computadores	http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/noticia/2014/10/duas-escolas-sao-incendiadas-nesta-madrugada-em-navegantes-4615622.html
55	2014. 7 out. Incêndio	Navegantes, SC	Escola Estadual Professora Paulina Gaya	Livros destruídos	http://osoldiario.clicrbs.com.br/sc/noticia/2014/10/duas-escolas-sao-incendiadas-nesta-madrugada-em-navegantes-4615622.html
56	2014. 9 out. Incêndio	Curitiba, PR	Farol do Saber Heitor Stockler de Franca	1 000 livros e gibis	https://pr.ricmais.com.br/dia-a-dia/noticias/farol-do-saber-pega-fogo-no-bairro-boa-vista/
57	2014. 28 out. Incêndio	Camboriú, SC	Biblioteca da Escola de Ensino Básico Alcuino Gonçalo Vieira	Perda total	http://www.clickcamboriu.com.br/policia/2014/10/alunos-incendiam-biblioteca-de-escola-em-camboriu-116282.html
58	2014. 6 dez. Incêndio	Goiânia, GO	Biblioteca e arquivo do Colégio Estadual Benedito Lucimar Hesketh da Silva	Destruídos	http://g1.globo.com/goias/noticia/2014/12/incendio-destroi-biblioteca-e-arquivo-de-escola-publica-em-goiania.html
59	2015. 19 fev. Incêndio	Guairaçá, PR	Biblioteca Pública	Incêndio e roubo de computadores.	http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2015/02/ladros-ateam-fogo-em-biblioteca-publica-apos-furto-de-computadores.html
60	2015. 17 mar. Incêndio	Pereiro, CE	“Arquivo morto” da Prefeitura	Perda total	http://www.opovo.com.br/app/ceara/pereiro/2015/03/17/notpereiro,3408736/incendio-atinge-prefeitura-de-pereiro-e-destroi-arquivo.shtml

61	2015. 19 maio Incêndio	Marabá, PA	Arquivo Público	Perda significativa	http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/05/incendio-destroi-parte-do-arquivo-publico-de-maraba-no-para.html
62	2015. 28 jul. Incêndio	Foz do Iguaçu, PR	Biblioteca do Colégio Estadual Flavio Warken	Danos parciais	http://www.radioculturafoz.com.br/vandalos-ateiam-fogo-em-biblioteca-de-colegio-na-vila-c/#.WM1qJTvyuM8
63	2015. 5 ago. Incêndio	Passo Fundo, RS.	Biblioteca da Escola Municipal Benoni Rosado	4 000 volumes. Um dos maiores acervos das escolas municipais da cidade	http://www.diariodamanha.com/noticias/ver/11328/Biblioteca+de+escola+%C3%A9+destru%C3%ADda+por+inc%C3%AAndio
64	2015. 10 set. Incêndio	Rolândia, PR	Arquivo da Prefeitura Municipal		http://manchetedopovo.com.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=873:incendio-na-prefeitura-destroi-setor-de-arquivos-antigos&Itemid=218
65	2015. 28 set.	Itapaci, GO	Biblioteca do Colégio Municipal Leôncio José de Santana		http://www.enquantoissoemitapaci.com.br/noticia/918-itapaci---incendio-atinge-predio-da-biblioteca-na-escola-municipal-leoncio-jose-de-santana.html
66	2015. 6 out. Incêndio	Cáceres, MT	Biblioteca Municipal	Prédio destruído. Destinava-se a abrigar a biblioteca municipal.	http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2015/10/incendio-destroi-parte-de-predio-no-centro-historico-de-caceres-mt.html
67	2015. 21 dez. Incêndio	São Paulo, SP	Museu da Língua Portuguesa	Salvaram-se os arquivos de backup. Prédio bastante danificado	http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,incendio-atinge-o-museu-da-lingua-portuguesa,10000005428
68	2016. 29 jan. Incêndio	Itupeva, SP	Biblioteca comunitária do bairro Santa Elisa	Não havia sido inaugurada. 800 livros perdidos	http://www.blogdogaleno.com.br/2016/02/02/incendio-destroi-800-livros-em-biblioteca-de-itupeva-sp
69	2016. 3 fev. Incêndio	São Paulo, SP	Cinematca Brasileira	500 filmes	http://www.sbt.com.br/jornalismo/sbtbrasil/noticias/72879/SP-Incendio-destroi-parte-do-arquivo-da-Cinematca-Brasileira.html
70	2016. 12 fev. Incêndio	Cristinápolis, SE	Arquivo da Câmara de Vereadores		http://www.infonet.com.br/noticias/politica//ler.asp?id=182867
71	2016. 19 mar. Incêndio	Belo Horizonte, MG	Biblioteca da Escola Municipal Professor Edson Pisani	Destruiu a sala dos computadores e a biblioteca.	http://noticias.r7.com/minas-gerais/incendio-em-escola-de-bh-destroi-computadores-e-biblioteca-19032016
72	2016. 27 abr. Incêndio	Santa Cruz do Capibaribe, PE	Biblioteca Pública	Alguns livros perdidos.	http://www.merecedestaque.com/2016/04/incendio-atinge-predio-da-biblioteca.html

73	2016, 1 jun. Incêndio	Três Pontas, MG	Arquivo da Escola Estadual Deputado Teodósio Bandeira	Perda total	http://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2016/06/incendio-queima-parte-de-escola-no-centro-de-tres-pontas-mg.html
74	2016. 3 out. Incêndio e alagamento	Rio de Janeiro, RJ	Escola de Belas-Artes da UFRJ	Não houve perdas.	http://www.eba.ufrj.br/index.php/servicos/notas-oficiais/554-urgente http://oglobo.globo.com/rio/setor-atingido-por-incendio-na-ufrj-guardava-contratos-documentos-de-financas-20229690
75	2016. 31 out. Incêndio	Bom Jesus do Norte, ES	Biblioteca Municipal	Incêndio destruiu servidores da internet	http://www.aquinoticias.com/espírito-santo/2016/10/incendio-destroi-parte-de-sala-de-informatica-em-bom-jesus-do-norte/2273176/
76	2016. 30 nov. Incêndio	Manaus, AM	Arquivo da Secretaria da Fazenda	Pequenos danos	http://www.acritica.com/channels/manaus/news/incendio-atinge-deposito-de-arquivos-da-sefaz-no-bairro-sao-francisco
77	2016. 3 dez. Incêndio	Cosmópolis, SP	Biblioteca Municipal	16 mil e coleções de jornais	http://correio.rac.com.br/_conteudo/2016/12/campinas_e_rmc/460058-incendio-destroi-biblioteca-municipal-de-cosmopolis.html
78	2016. 20 dez. Incêndio	Pinheiro Machado, RS	Biblioteca do Colégio Hipólito Ribeiro	Perda parcial	http://oglobo.globo.com/rio/setor-atingido-por-incendio-na-ufrj-guardava-contratos-documentos-de-financas-20229690
79	2017. 13 jan. Incêndio	Bocaiuva, MG	“Arquivo-morto” do Hospital Dr. Gil Alves	Perda total	http://rsena.com.br/2017/01/17/incendio-foi-criminoso-policia-civil-ja-sabe-quem-foi-autor-incendio-que-danificou-arquivos-hospital/

TABELA 2. Casos de alagamento de 1975 a 2017

Nº	Data	Local	Nome	Acervo (volumes)	Fonte
1	1975. 17 jul. Alagamento	Recife, PE	Biblioteca Central Blanche Knopf da Fundação Joaquim Nabuco.	Noventa por cento do acervo de 35 mil volumes foram danificados	Cadernos de Biblioteconomia, Recife, n. 11, p. 49-61, dez. 1989]
2	1990/1999? Alagamento	Brasília, DF	Biblioteca Central da Universidade de Brasília	Danos não quantificados	
3	2003. 2 dez. Alagamento	Rio de Janeiro, RJ	Biblioteca da Escola de Belas-Artes da UFRJ	200 obras raras molhadas	O Globo, 3 dez. 2003, p. 2,
4	2010. 2 jan. Alagamento	São Luís do Paraitinga, SP	Biblioteca Pública	Perda total	http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1437096-5605,00-SETE+PREDIOS+PUBLICOS+DE+SAO+LUIZ+DO+PARAITINGA+SOFREM+AVARIAS+APOS+ENCHENT.html
5	2010. Junho Alagamento	Rio Largo, AL	Biblioteca Pública	Perda total	http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/chuvas_devastaram_patrimonio_de_alagoas.html
6	2010. Junho Alagamento	Murici, AL	Biblioteca Pública	Perda total	http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/chuvas_devastaram_patrimonio_de_alagoas.html
7	2010. Junho Alagamento	Quebrangulo, AL	Biblioteca Pública	Perda total	http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/chuvas_devastaram_patrimonio_de_alagoas.html
8	2010. Junho Alagamento	Branquinha, AL	Biblioteca Pública	Perda total	http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/chuvas_devastaram_patrimonio_de_alagoas.html

9	2010. Junho Alagamento	Santana do Mundaú	Biblioteca Pública	Perda total	http://www2.uol.com.br/historiaviva/noticias/chuvas_devastaram_patrimonio_de_alagoas.html
10	2012. 5 abr. Alagamento	Florianópolis, SC	Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina	Sem danos aos livros	https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/1921
11	2012. Abri l Alagamento	Rio de Janeiro, RJ	Hemeroteca da Biblioteca Nacional		http://oglobo.globo.com/rio/inundacao-na-biblioteca-nacional-causou-danos-maiores-do-que-os-anunciados-pela-instituicao-4805074
12	2012. 3 maio Alagamento	Ribeirão Pires, SP	Biblioteca Municipal Olavo Bilac		http://jornalmaisnoticias.com.br/chuvas-deixam-biblioteca-municipal-embaixo-d%E2%80%99agua/
13	2012. 3 jun. Alagamento	Rio de Janeiro, RJ	Biblioteca Nacional	Foram molhadas diversas obras	http://oglobo.globo.com/rio/inundacao-na-biblioteca-nacional-causou-danos-maiores-do-que-os-anunciados-pela-instituicao-4805074
14	2013. 17 jan. Alagamento	Niterói, RJ	Biblioteca de Direito da Universidade Federal Fluminense		http://sintuff.blogspot.com.br/2013/01/falta-de-providencias-permite-novo.html http://cbn.globoradio.globo.com/rio-de-janeiro/2015/03/26/LIVROS-E-COMPUTADORES-DO-CURSO-DE-DIREITO-DA-UFF-ESTAO-HA-TRES-ANOS-EM-SALA-ALAGADA.htm

CONSERVAR OU DESCONSERVAR:

“BICHO TEM EM QUALQUER LUGAR, ATÉ NA MINHA CASA” p.120

RESUMO Os registros feitos desde longínquas eras têm tido sua conservabilidade sujeita a riscos intrínsecos aos materiais e técnicas empregados em sua feitura e a fatores extrínsecos, de ordem ambiental, política, cultural, econômica e tecnológica. Além de seu uso contribuir para acelerar os processos de desorganização, de decaimento, de desordem, próprios de tudo que existe. Se conservar é ato de intervenção humana, o seu contrário (desconservar) ocorre naturalmente, pelo simples passar do tempo, embora a ação e a inação do homem costumem contribuir para isso. A manutenção deficiente dos lugares de abrigo dos documentos é um dos fatores que contribuem para sua mais rápida desconservação. Em levantamento feito de fevereiro de 1880 a março de 2017, foram identificados 77 incêndios e 21 alagamentos em bibliotecas e arquivos, com graus variados de perdas. Práticas de conservação exigem mecanismos de cooperação, intercâmbio e definição de responsabilidades em âmbito local, regional e nacional. Da lavagem do papel à digitalização de textos, passando pela microfilmagem, o histórico das técnicas de conservação mostra que seu emprego nem sempre adotou as cautelas necessárias, às vezes contribuindo para a perda ou mutilação dos documentos. A desconservação pode ser consequência ainda da repressão de ideias, de furtos e roubos e da ocultação/destruição de documentos em casos de ilícitos, o que atinge principalmente os arquivos. A conservação, tanto em seus aspectos técnicos quanto culturais, políticos e

TO CONSERVE OR NOT TO CONSERVE

ABSTRACT Since earliest times human records have had their conservability subject to the risks intrinsic to the materials and techniques employed in their making, and to the extrinsic factors of environment, politics, culture, economy and technology. Furthermore, the very use of these records contribute to accelerate the disorganization, decay and disorder processes that are characteristic of all that exists. If conservation is an act of human intervention, its contrary (non-conservation) takes place spontaneously as time goes by. However, human action and inaction are usually part of this process. The poor maintenance of places where documents are kept is one of the factors that contribute to their rapid non-conservation. A survey in newspapers published from February 1880 to March 2017 identified 77 fires and 21 cases of flooding in libraries and archives which caused varying losses. Conservation practices require mechanisms of local, regional and national cooperation, exchange and definition of responsibilities. From washing paper to digitizing texts, passing by microfilming, the history of conservation/preservation techniques reveals that they have not always been carried out with the necessary precautions, sometimes leading to the loss or mutilation of documents. Non-conservation can also be caused by ideological repression, thefts and the occultation/destruction of documents to cover up misdemeanor and other crimes especially in archives. Conservation both in its technical

econômicos, deve fazer parte de uma política de Estado para preservação do patrimônio cultural nacional.

BIBLIOTECA • DOCUMENTOS •
CONSERVAÇÃO • DESTRUIÇÃO.

and cultural, political and economic aspects should be part of a State policy for the preservation of the national heritage.

LIBRARY • DOCUMENTS •
CONSERVATION • DESTRUCTION.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, Randolph G. “Librarians as Enemies of Books”. *Library Quarterly*, vol. 7, pp. 317-331, July 1937.
- AREIAS, Laura & NOGUEIRA, Lucila. *Monografia do Gabinete Português de Leitura: Comemoração do Sesquicentenário 1850-2000*. Recife, Gabinete Português de Leitura, s.d. (na p. 101 informa 1937 como o ano do incêndio; o certo é 1938).
- AZEVEDO, Fernando de. *A Cultura Brasileira: Introdução ao Estudo da Cultura no Brasil*. 3. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1958, t. 3, pp. 28-29.
- AZEVEDO, Moreira de. *Pequeno Panorama ou Descrição dos Principais Edifícios da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Typographia-Paula Brito, 1862, vol. 3.
- BÁEZ, Fernando. *História Universal da Destruição dos Livros: Das Tábuas Sumérias à Guerra do Iraque*. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.
- BAKER, Kenneth. *On the Burning of Books*. London, Unicorn, 2016.
- BALZAC, Honoré de. *Ilusões Perdidas*. Trad. Ernesto Pelanda. São Paulo, Globo, 1990, pp. 113, 114, 115 (A Comédia Humana, vol. 7).
- BETTENCOURT, Angela Maria Monteiro & PINTO, Monica Rizzo Soares. “A Hemeroteca Digital Brasileira”. In: *Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação*, 25. Florianópolis, 2013, p. 10. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/viewFile/1321/1322>>. Acesso em: 26 jun. 2017.
- BIBLIOTECA Nacional. *Concurso Anexo da Biblioteca Nacional: Termo de Referência*. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, Companhia de Desenvolvimento Urbano da Região Portuária, Instituto de Arquitetos do Brasil do Rio de Janeiro, 2014, pp. 45, 48 e 50. Disponível em: <http://concursoanexobn.iabrij.org.br/documentos/Anexo_I_Termo_de_Referencia.pdf>. Acesso em: 31 out. 2017.
- BLADES, William. *The Enemies of Books*. London, Elliot Stock, 1888. A primeira edição é de 1879. Disponível em: <<https://ia601408.us.archive.org/0/items/enemiesbooks01bladgoog/enemiesbooks01bladgoog.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2017.
- BORGES, Valdeci Rezende. “Em Busca do Mundo Exterior: Sociabilidade no Rio de Machado de Assis”. *Estudos Históricos*, 2001, n. 28.
- BORTOLETTO, Maria Élide; MACHADO, Rejane Ramos & COUTINHO, Eliane. “Contaminação Fúngica do Acervo da Biblioteca de Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz: Ações Desenvolvidas para sua Solução”. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, vol. 7, n. 14, pp. 9-18, 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n14p9/5223>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- BRAGA, Genesino. *Nascença e Vivência da Biblioteca do Amazonas*. Belém, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1958.
- BRIET, Suzanne. *O Que É a Documentação?* Brasília, Briquet de Lemos/Livros, 2016.
- BROOKS, Philip. “Notes on Rare Books”. *The New York Times*, Jan. 22, 1933, Section Book Review, p. 19.
- CASTRO, Aloisio Arnaldo Nunes de. *A Trajetória Histórica da Conservação-Restauração de Acervos em Papel no Brasil*. Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008. Dissertação de mestrado. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2009/12/Aloisio_A_N_de_Castro1.pdf>. Acesso em: 31 out. 2017. [Edição impressa com o mesmo título publicada em 2012 pela Editora UFJF].

- CLOONAN, Michèle Valerie (ed.). *Preserving our Heritage: Perspective from Antiquity to the Digital Age*. Chicago, Neal-Schuman, 2015.
- CONGRESSO Nacional. “Conclusões da Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Biblioteca Nacional”. *Diário do Congresso Nacional*, seção 1, suplemento ao nº 32, 8 abr. 1967. Reproduzido em FONSECA, Edson Nery da. *Ser ou Não Ser Bibliotecário e Outros Manifestos Contra a Rotina*. Brasília, ABDF, 1988, pp. 141-260.
- COUTINHO, José Lino dos Santos. [Sessão da Câmara dos Deputados de 29 de agosto de 1831]. *Annaes do Parlamento Brasileiro*, 1831, p. 75.
- DEACTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros: Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 2011.
- FARIA, Diego de. *Os Inimigos dos Nossos Livros*. Serviço Sanitário do Estado de São Paulo, n.s., n. 4, 1919. Disponível em: <<https://archive.org/details/osinimigosdosnos00fari>>. Acesso em: 31 out. 2017.
- FERREIRA, Costa. [Sessão da Câmara dos Deputados de 1º de setembro de 1831]. In: *Annaes do Parlamento Brasileiro*, 1831.
- FERREIRA, Costa. [Sessão da Câmara dos Deputados de 18 de julho de 1832]. In: *Annaes do Parlamento Brasileiro*, 1832, p. 83.
- FRIEIRO, Eduardo. *Os Livros Nossos Amigos*. 3. ed. São Paulo, O Pensamento, 1957.
- GERSON, Brasil. *História das Ruas do Rio*. 5. ed. Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 2000.
- GREENHALGH, Raphael Diego. *Segurança contra Roubo e Furto de Livros Raros: Uma Perspectiva sob a Ótica da Economia do Crime e da Teoria da Dissuasão*. Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2014. Tese de doutorado. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/pct/premios/226121.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2017.
- “IN MEMORIAM [Dolores Iglesias]”. *Revista Brasileira de Geociências*, vol. 14, n. 1, p. 2, 1984.
- LAURENT, Charlotte. *7 Lieux Parisiens Emblématiques Menacés par la Crue de la Seine*. 7x7 3 juin 2016. Disponível em: <<https://www.7x7.press/7-lieux-parisiens-emblématiques-menacés-par-la-crue-de-la-seine>>. Acesso em: 31 out. 2017.
- MATTOS, Lorete. *Prevenção e Resposta a Desastres com Fogo e Água em Bibliotecas*. Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, 18. Belo Horizonte, 16 a 21 de novembro de 2014. Diapositivos. Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/snbu2014/wp-content/uploads/2014/12/PDF_Minicurso_13_compressed-2.pdf>. Acesso em: 31 out. 2017.
- MCKITTERICK, David. *Old Books, New Technologies: The Representation, Conservation and Transformation of Books Since 1700*. Cambridge, Cambridge University Press, 2013.
- MELO, José Alexandre Teixeira de. “Relatório Apresentado ao Cidadão Dr. Antonio Gonçalves Ferreira Ministro da Justiça e Negócios Interiores em 15 de fevereiro de 1896”. In: *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. 18, 1896. Rio de Janeiro, Typ. Leuzinger, 1897.
- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial*. 2. ed. Brasília, Briquet de Lemos/Livros, 2006.
- _____. “Relatório do Diretor da Divisão de Preparação da Biblioteca Nacional ao Ministro da Educação e Saúde (março de 1945)”. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, vol. 2, n. 1, pp. 203-231, jan.-jun. 1974.
- NABUCO, Joaquim (monsieur). *Em Defesa do Livro: A Conservação das Nossas Bibliotecas e Arquivos*. 2. ed. Rio de Janeiro, Antunes, 1959.
- NAUDÉ, Gabriel. *Conselhos para Formar uma Biblioteca*. Brasília, Briquet de Lemos/Livros, 2016.
- ORTEGA Y GASSET, José. *Missão do Bibliotecário*. Brasília, Briquet de Lemos/Livros, 2006.
- PLUMBE, Wilfred John. “Preservation of Library Materials in Tropical Countries”. *Library Trends*, vol. 8, n. 2, pp. 291-306, 1959.
- POLASTRON, Lucien X. *Livros em Chamas: A História da Destruição Sem Fim das Bibliotecas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2012.
- PRAJAPATI, Chhedi Lal. *Conservation of Documents: Problems and Solutions, Policy and Perspectives*. New Delhi, Mittal Publications, 2005.
- RAVEN, James (ed.). *Lost Libraries: The Destruction of Great Book Collections Since Antiquity*. Basingstoke, Palgrave Macmillan, 2004.

- REIFSCHEIDER, Oto Dias Becker. *A Bibliofilia no Brasil*. Brasília, Universidade de Brasília, 2011. Tese. Faculdade de Ciência da Informação. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10744/1/2011_OtoDiasBeckerReifschneider.pdf>. Acesso em: 31 out. 2017.
- RELATÓRIO. In: *Annaes da Biblioteca Nacional*, vol. 19, 1897.
- REVELLI, Carlo. “Conservare Come e Che Cosa”. *Biblioteche Oggi*, vol. 22, n. 2, pp. 83-89, mar. 2004.
- REYNOLDS, Leighton Durham & WILSON, Nigel Guy. *Scribes and Scholars: A Guide to the Transmission of Greek and Latin Literature*. 3. ed. Oxford, Oxford University Press, 1991.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: Do Terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- _____. COSTA, Angela Marques da & AZEVEDO, Paulo Cesar de. *A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis: Do Terremoto de Lisboa à Independência do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.
- _____. *O Livro dos Livros da Real Biblioteca*. Rio de Janeiro/São Paulo, Biblioteca Nacional/Fundação Odebrecht, 2003.
- SEABROOK, John. “The Invisible Library”. *New Yorker*, vol. 91, n. 36, pp. 62-72, nov. 16, 2015. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/magazine/2015/11/16/the-invisible-library>>. Acesso em: 31 out. 2017.
- SILVA, Luiz Antonio Gonçalves da. “As Bibliotecas dos Jesuítas a Partir da Obra de Serafim Leite”. *Perspectivas em Ciência da Informação*, vol. 13, n. 2, pp. 219-237, maio/ago. 2008.
- SOARES, Francisco Sérgio Mota; CARMO, Laura Berenice Trindade; AZIZ, Carmem Lúcia Cabral & COELHO, Sizaltina dos Santos. *A Biblioteca Pública da Bahia: Dois Séculos de História*. Salvador, Fundação Pedro Calmon, 2011, pp. 80-81, 88-92.
- SOUSA, José Marcelino de. *Mensagem Apresentada à Assembleia Geral Legislativa do Estado da Bahia*. Bahia, Oficinas do “Diário da Bahia”, 1905, p. 2.
- SPINELLI, Jayme & PEDERSOLI JUNIOR, José Luiz. *Biblioteca Nacional: Plano de Gerenciamento de Riscos: Salvaguarda & Emergência*. Fundação Biblioteca Nacional, 2010. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg_plano_risco_por/drg_plano_risco_por.pdf>. Acesso em: 31 out. 2017.
- TAMANO, Luana Tiek Omena & ARAUJO, Daniel de Magalhães. “Abandono, Esquecimento e Ressurgimento da Primeira Biblioteca de Medicina do Brasil”. *Ciência e Cultura* [online], vol. 66, n. 2, pp. 56-59, 2014. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v66n2/v66n2a21.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2017.
- UCHOA, Julio. “Cousas e Fatos do Amazonas: Incêndio da Biblioteca Pública”. *Jornal do Comércio*, Manaus, 22 ago. 1954.
- VEIGA, Edison & BURGARELLI, Rodrigo. “Incêndio Danifica Acervo do Arquivo do Estado”. *O Estado de São Paulo*, 11 mar. 2012. Disponível em: <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,incendio-danifica-acervo-do-arquivo-do-estado-imp-,846794>>. Acesso em: 25 jun. 2017.
- VOLPINI, Elton Eugenio. “A Biblioteca Central da Universidade de Brasília e o Planejamento de seu Novo Edifício”. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, vol. 1, n. 1, pp. 43-50, jan./jun. 1973.
- ZENKER, Ana Luiza. “Mina d’Água sob a Biblioteca Central da UnB”. *Blog dos estudantes da Faculdade de Comunicação da UnB*. 4 mar. 2006. Disponível em: <<http://cacom.blogspot.com.br/2006/03/mina-dgua-sob-biblioteca-central-da.html>>. Acesso em: 31 out. 2017.
- WEISS, Harry B. & CARRUTHERS, Ralph H. *Insect Enemies of Books*. New York, New York Public Library, 1945. Inclui bibliografia com 493 referências. Reimpresso do *Bulletin of the New York Public Library*, Sept./Dec. 1936. Disponível em: <<https://archive.org/stream/insectenemiesofb00weis#page/n0/mode/2up>>. Acesso em: 31 out. 2017.